

A fala da criança: a aquisição de linguagem na clínica fonoaudiológica

Gisele Gouvêa*

Regina Maria Freire**

De Lemos, CTG. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 42, janeiro-julho, 2002, p. 41-69.

O artigo *Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação*, embora publicado há uma década pela linguista Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, é um dos últimos escritos da autora sobre a fala da criança, que resiste ao tempo por tratar de questões e impasses semelhantes aos da vida cotidiana de um fonoaudiólogo, a saber, aqueles derivados do enigma da fala (do sujeito afásico, gago, surdo, da criança). Por outro lado, De Lemos faz parte da história dos 50 anos do Curso de Fonoaudiologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), da estruturação da disciplina Aquisição de Linguagem e dos avanços da clínica fonoaudiológica, especialmente, na área de Linguagem. Interessante, pois, passados 28 anos da sua tese de doutorado até este artigo, o enigma da fala da criança ainda a encanta. Por extensão, esse artigo pode ser lido como um clássico da literatura sobre a fala infantil, pois a autora, desde sempre, destaca o seu interesse pelo erro ou por aquilo que é apagado ou colocado para fora das pesquisas, tanto pela Linguística como, pode-se dizer pela Fonoaudiologia. O artigo revela que o enigma da fala da criança se dá a ver nas mudanças na posição da fala da criança, da sua posição de investigadora (outro) e pelos efeitos da língua na fala.

Trata-se de um texto que retoma o percurso da autora, na Linguística, a sua passagem pelo curso de Fonoaudiologia da PUC-SP e os passos e impasses na carreira de pesquisadora, destacando as mudanças de sua posição como investigadora e da posição da fala da criança, na perspectiva de que a fala resiste a ser descrita.

Para tanto, a autora divide o artigo em nove seções, sendo que, na primeira, define vicissitudes “o que é próprio da vez” e introduz o conceito de mudança, desde seu lugar na área da linguagem e na posição de sujeito.

Na seção, “*os primeiros passos, os primeiros impasses*”, pode-se destacar o compromisso que a autora mantém com a fala da criança ao afirmar que o erro é índice de mudança na fala da criança e que essa não pode ser naturalizada.

Cabe esclarecer que, na Linguística, o erro era comumente higienizado, apagado das investigações, isto é, eliminava-se da análise a primeira folha de transcrição, as repetições, músicas, interjeições, palavras inexistentes no vocabulário adulto.

De sua tese de doutorado que investigava os verbos ser e estar na aquisição do Português Brasileiro a fim de estabelecer parâmetros de normalidade que servissem à avaliação de produções tratadas como patológicas, a autora

* Fonoaudióloga, Especialista em Linguagem, Mestre e Doutoranda em Fonoaudiologia pela PUC-SP. ** Fonoaudióloga, Professora Titular do Departamento de Clínica Fonoaudiológica da PUC-SP

resgata como contribuição o fato de que há uma indeterminação categorial na fala da criança, ou seja, de que esta não carrega conteúdos pragmáticos, semânticos, fonológicos, sintáticos, fonéticos. A fala da criança é indeterminável, é heterogênea, é singular, a criança não fala como o adulto para se comparar a fala da criança à fala do adulto; além disso os verbos ser e estar, de frequência muito limitada em crianças até dois anos de idade, indicavam a impossibilidade de estabelecer um padrão.

Na seção, “*Processos dialógicos*” trata do momento de retorno de De Lemos ao Brasil e ao projeto de Aquisição de Linguagem, quando o impasse foi a sua aproximação com a Psicologia do Desenvolvimento, impasse gerado por tomar-se a linguagem como subordinada ao desenvolvimento cognitivo. A noção de processos dialógicos, a saber, especularidade, complementaridade e reciprocidade, visava dar um estatuto de congruência entre a fala da criança e a fala do adulto partindo-se da noção de sujeito atrelada à aptidão e prontidão para aprender e adquirir a linguagem. Segundo a autora, o avanço nesse projeto foi o abandono desses processos e a argumentação de que a fala da criança sofre o efeito da fala do outro e que a unidade de análise da fala da criança é o diálogo. Portanto, o que a autora interroga é a noção de sujeito que está em jogo nos processos dialógicos.

Em “*Os processos metafóricos e metonímicos*” trata do momento de reencontro com Saussure⁽¹⁾ e Jakobson⁽²⁾ e do encontro com Lacan⁽³⁾ e ocupa lugar de mudança no pensar o funcionamento da linguagem. O que une esses três autores a De Lemos é a linguagem como estrutura e como inscrição de sujeito, os seus movimentos, impasses, equívocos. Os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança na fala da criança são uma das chaves mestra para a passagem de *infans* a falante, desde que se leia o funcionamento da língua na fala⁽²⁾ como compatível com a captura do sujeito pelas regras da língua e como produto das operações de substituição e condensação.

Pressupõe-se que a ordem própria da língua captura o *infans* e o transforma em falante; portanto o erro na fala da criança seria o efeito de alternância entre os processos metafóricos e os metonímicos, e a fala do outro seria fundante na assunção da língua pelo falante em sua submissão às regras da

linguagem, a qual não se daria sem o encontro com a fala do outro. Com isso, a estruturação da fala da criança pode ser vista tanto pelo olhar lingüístico como pela escuta a essa fala, sem perder de vista a diferença e o valor da relação entre o sujeito, a língua e o outro.

A direção para a estruturação da criança como sujeito-falante de uma língua se articularia a três posições da fala da criança: frente à sua própria fala, a fala do outro e à língua, direção que, em outros trabalhos da autora, havia sido representada pela imagem de uma curva em U, advinda das noções de mudança, passagem, coincidência e estrutura⁽⁴⁾.

Nessa curva, encontra-se a “primeira posição” em que a fala da criança está circunscrita a fala do outro, capturada por restos metonímicos da fala do adulto e sofre os efeitos da interpretação e escuta desses restos pelo outro, que marcam a diferença de ser falado pelo outro. A primeira posição, portanto, indica um sujeito em constituição em sua relação com a fala, posição em que o *infans* não se escuta em sua própria fala, mas que é interpretado e lido pela fala do outro.

Na “segunda posição”, o erro é o índice de mudança de posição; ele ocorre pela entrada na língua e pelas operações do processo metafórico, isto é, a substituição de significantes a partir de sua relação com a língua. Nessa posição a criança erra porque não escuta a fala do outro, erra porque, capturada pela língua, sua lei e seu mestre, a ela responde com uma fala particular. Ocorre o processo de separação do outro e a posição da criança é a do sujeito dividido, agora pela língua e pela fala. Nessa posição, o falante está submetido ao movimento da língua, que se caracteriza pela ocorrência dos erros na fala da criança e a impermeabilidade da criança à correção do erro pela fala do outro; pode-se dizer em um movimento refratário, considerando que os processos metafóricos e metonímicos estão circunscritos a um efeito de semelhança entre cadeias, ganhando seu estatuto na língua, fora da esfera do outro.

A “terceira posição” trata da mudança de *infans* para falante em um movimento na estrutura que coloca, na mesma posição, falante e ouvinte e a criança agora se ouve e ouve o outro, titubeia, repete e reformula seu dizer, constitui-se enquanto sujeito pela alienação e separação, à própria fala, à fala do outro e à língua.

Ressalte-se que o termo posição aponta para o processo de aquisição como deslocamentos do infans em sua relação com a estrutura da língua e da fala, uma vez que o deslocamento do falante em relação à sua própria fala e à fala do outro, caracteriza a homogeneidade e a ocorrência na fala da criança de pausas, reformulações, correções provocadas pela interpretação do outro e as substituições conseqüentes às auto-correções. Aqui a fala da criança revela subjetivação, a reversibilidade e o mecanismo de recebimento de sua própria mensagem invertida do Outro, no que o falar a outros e reconhecer-se e ser reconhecido por esse Outro, implica na escuta da própria fala e na escuta para a fala do outro de “*onde a mensagem repercute e de onde retorna uma resposta divergente, uma resposta outra*” (p. 64).

Em “para além das posições”, De Lemos traz a inclusão de outro elemento nessa passagem de *infans* a falante que decorreria da lógica do desejo e da demanda do outro – o corpo pulsional – que está em jogo além da língua.

A idéia de que haveria zonas privilegiadas de erros é compatível com a noção do paradigma indiciário de que pelos erros, réplicas e dispersões pode-se reconhecer o lugar de sujeito. Aqui também os erros, nos pronomes pessoais, nas flexões verbais, no discurso direto e indireto, no ato de enunciação, no paralelismo, na holófrase e pela escuta à voz e à prosódia permitem que se reconheça a posição da criança na língua.

É possível ver em De Lemos, uma teorização sobre a fala da criança e a posição de investigador próxima à de Freud na lida com os sintomas, à de Morelli na busca dos indícios de uma pintura falsa e à de Sherlock Holmes na investigação dos signos pictóricos criminais⁽⁵⁾.

Por fim, pode-se dizer que o enigma da fala da criança que moveu a investigação de De Lemos parece ter sido de fundamental importância para uma clínica fonoaudiológica cujo compromisso com a fala do sujeito e os seus efeitos de mal estar,

sofrimento e normalização, a afastam daquela marcada pelo estigma da doença.

O sujeito da Fonoaudiologia, embora manifeste em sua fala erros assemelhados aos que incidem no *infans*, dele se afasta por encaminhar uma demanda à clínica, quer por sua voz, quer pelas vozes dos que o trazem ou dos que o encaminham.

Parece que, na clínica fonoaudiológica, a passagem de *infans* a falante estaria relacionada a um quarto elemento: os efeitos da sanção do outro sobre a fala da criança. Assim, se na aquisição fala-se de um trinômio sujeito-língua-fala, na clínica fonoaudiológica dos sintomas de linguagem, o trinômio é sobrescrito pelo polinômio sujeito-língua-fala-sanção⁽⁶⁾. Eis o sujeito, dividido por seu sintoma que o coloca, ora na posição de escutante, ora na de falante, em sua escuta, ora à língua, ora à fala do outro, mas que não se escuta na fala do outro, nem escuta na língua, o que fala. E, eis o fonoaudiólogo, na posição de suposto Mestre do Discurso.

Referências Bibliográficas:

1. Saussure, F. “Curso de lingüística geral”. 25 ed. São Paulo, 1916.
2. Jakobson, R. “Lingüística e Comunicação”. Cultrix, São Paulo, 1963.
3. Lacan, J. “Escritos”. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1966.
4. Karmiloff-Smith, A., “From meta-processes to conscious access: evidence from children’s metalinguistic and repair data”. *Cognition*, v.23, p. 95-147, 1986.
5. Ginzburg, C. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e história*. Companhia das letras, São Paulo, p.143 – 179, 1939.
6. Gouvêa, G, Freire, R, Dunker, C. “Sanção em Fonoaudiologia: um modelo de organização dos sintomas de linguagem.” *Cad. Est.Ling.*, v.53, n.1, jan/jun, p. 08-25, 2011.

Contato

Regina Maria Freire

E-mail: freireregina@uol.com.br